



PELO EMBAIXADOR JOSÉ CARLOS DA FONSECA JR.

Diretor executivo da IBÁ, com assento no Comitê Diretor do The Forests Dialogue (TFD) e no Advisory Committee on Sustainable Forest-based Industries (ACFSI), da FAO. Diplomata de carreira, serviu em diversos países e foi Embaixador em Myanmar. No Brasil, trabalhou na área de Promoção Comercial e na Secretaria Geral do Itamaraty, por duas vezes no Ministério da Economia, além de ter sido Deputado Federal pelo Espírito Santo, Secretário da Fazenda e Secretário da Casa Civil do Governo do ES entre 2015 e 2018.



indústria brasileira de árvores

EVENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS QUE MARCAM A AGENDA AMBIENTAL GLOBAL

O ano de 2021 é tristemente marcado pelo drama da pandemia, mas também se mostra decisivo sob outros aspectos, para o Brasil e o mundo. Nesse contexto, a agenda ambiental, em seu sentido mais amplo, pode-se destacar como caminho rumo a uma relação melhor e mais sensata com o planeta em que vivemos. O tema, há algum tempo, já deixou de ser técnico, porém a verdade é que, nos últimos anos, se impôs como assunto central na geopolítica mundial. A Covid-19 acelerou o que já era clara tendência, transformando a temática em questão absolutamente central. De fato, não seria exagero afirmar que as perspectivas e riscos decorrentes das mudanças climáticas hoje se equiparam, em grau de centralidade estratégica, com as preocupações que, na Guerra Fria, acompanhávamos as negociações sobre desarmamento e não proliferação nuclear.

Na Cúpula do Clima, convocada recentemente por Joe Biden, verificou-se inédito grau de convergência entre os principais participantes, com destaque para o potencial de alinhamento nas posições e atitudes da China e dos Estados Unidos, para não falar da Europa. Devido à importância do tema, é possível que rivalidades estratégicas e econômico-comerciais na prática cedam espaço para novas avenidas de cooperação e convergência, em vista do inimigo comum que seria a irreversibilidade da desordem climática ou da perda de biodiversidade. Como sabem e afirmam, sobretudo, os mais jovens, como não existe um planeta B, a humanidade não terá plano B. Com base em inovação, pesquisa e desenvolvimento, o desafio é a transição para uma economia de baixo carbono, com energia renovável, processos produtivos mais limpos, tecnologia verde, que preservem nossos ecossistemas. É preciso mudar a maneira de lidar com a natureza ou não haverá volta. Isso não é discurso, é fato.

Em que pese a dimensão das complexas mudanças que precisaremos promover, em nível planetário, o fato é que o Brasil tem diante de si o que parece ser uma excepcional oportunidade: fazer jus à inescapável vocação de potência agroambiental, detentora da maior biodiversidade do mundo, de ativos florestais e hídricos de vitalidade incomparável. Oportunidade cuja magnitude, diante do desafio igualmente gigantesco, deve ter o condão de mobilizar toda a sociedade brasileira, em um forte pacto entre as gerações de hoje e do futuro.

Ao longo de 2021, teremos também a COP-15 da Convenção da Diversidade Biológica, que negociará o novo Marco Global de Biodiversidade, e a COP-26 da Convenção do Clima, em que se espera que seja concluída a negociação do Artigo 6º do Acordo de Paris, para criar e regular um mercado global de créditos de carbono. Para completar essa densa programação internacional, que propicia ao Brasil a chance de retomar o protagonismo que tão construtivamente exerceu desde a Rio92, três décadas atrás, será ainda sediado em Belém do Pará, o Fórum Mundial de Bioeconomia, que pela primeira vez se realiza fora da Finlândia.

A exemplo da grave crise de imagem internacional que o Brasil experimentou no final da década de 1980, e que seria gradualmente transformada em liderança global depois da já mencionada Conferência do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, de novo, agora, temos a possibilidade de fazer limonada com os limões azedos que nos estão dados. Para tanto, a sociedade e nossos governantes precisam se articular, com vistas ao futuro e livres do imediatismo, pois se trata da herança que legaremos às gerações vindouras.

Ninguém pode estar alheio ao que o momento espera de nós, pois seremos todos julgados pela história e pelos brasileiros de

amanhã. Nossas responsabilidades, como potência agroambiental e como *global trader*, exigem que o Brasil se reencontre com sua vocação universalista e volte a ser exemplo de protagonizar a agenda ESG – ambiental, social e de governança, liderando pelo exemplo e aprofundando o caminho rumo à nova economia de baixo carbono, sem a qual o planeta seguirá correndo riscos. Uma das vantagens do Brasil justamente reside no quanto já avançamos, nesse sentido, ostentando uma matriz energética majoritariamente renovável, depois de termos realizado a grande revolução verde do mundo, embarcando pesquisa e tecnologia no sucesso que é a agroindústria tropical *inventada* no Brasil.

Em vista dessas conquistas de décadas de avanço científico e tecnológico, é um paradoxo e um contrassenso que o Brasil, em vez de continuar sendo premiado pelo que ofereceu ao mundo como *case* de sucesso, corra o risco de ser penalizado, numa versão sem sentido. E, não tenhamos dúvida: no adverso cenário atual, caso não façamos nós as mudanças que estão no interesse nacional, prosperará no exterior a narrativa que teima em pintar o Brasil como problema, e não como solução, no grande debate ambiental. Simplesmente não podemos admitir que nossos ativos tão valiosos se transformem em passivos que o mundo repudia.

O setor de florestas cultivadas, representado institucionalmente pela Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), vem fazendo a sua parte com todo empenho. Junto aos demais elos da ampla cadeia produtiva de base florestal, com seus distintos seguimentos agroindustriais e um imenso horizonte já sintonizado na bioeconomia dos novos produtos e bioelementos, segue mostrando seus avanços na transição energética, no impacto clima-positivo e no balanço carbono-negativo que caracteriza nossa evolução. Produzir mais com menos recursos naturais, eis o nome do jogo que o setor vem desempenhando, assim mantendo-se competitivo e dinâmico.

Como setor organizado, mantemo-nos presentes nas discussões e foros globais, assim como no Brasil. Em plena pandemia, a IBÁ teve a honra de ser recentemente eleita para a Vice-Presidência do Conselho Consultivo das Indústrias de Base Florestal Sustentável (ACSFI) da FAO, além de integrar o Conselho Deliberativo do The Forests Dialogue (TFA/Universidade de Yale) e do Conselho Internacional das Associações de Celulose e Papel (ICFPA).

No Brasil, de igual modo, a IBÁ mantém-se engajada na interlocução com o poder público, de uma maneira geral – interagimos republicanamente com os três poderes da República,

com estados e municípios. Graças a isso, rapidamente nosso setor logrou convencer nossos governantes sobre a essencialidade de nossas atividades durante a pandemia, assim garantindo que nossos produtos chegassem aos consumidores, sem deixar que houvesse desorganização de sistemas e cadeias de abastecimento. Por outro lado, preservamos igualmente nossa capacidade de diálogo com as entidades representativas da sociedade, em um valioso aprendizado das diferenças e das complementariedades. Junto com outras entidades do setor empresarial, jamais nos furtamos a dar nossa contribuição para o grande debate nacional, por exemplo, em plataformas como a CNI, a CNA, o IPA e a Coalizão Brasil Clima Agricultura e Florestas.

Nosso setor cultiva 9 milhões de hectares e preserva outros 5,9 milhões de hectares, em Áreas de Preservação Permanente (APPs), Reserva Legal (RL) e Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN). Mais que toda a área do estado do Rio de Janeiro. Isto é, o setor privado que nós representamos tem uma área de conservação do tamanho da Dinamarca. Nessas áreas foram encontradas aproximadamente 38% dos mamíferos e 41% das aves ameaçados de extinção no Brasil. O mundo está empenhado em acelerar a recuperação de ecossistemas degradados, criando medidas eficientes para combater a crise climática, alimentar, hídrica e da perda de biodiversidade. Há anos, nosso setor possui programas de restauração de áreas degradadas. Em 2018, foram 21,2 mil hectares. Em 2019, essa área foi expandida para 32,7 mil hectares.

Nossa responsabilidade socioambiental está presente nos mais de 1,4 milhão de postos de trabalho que nosso setor gera, direta e indiretamente, assim também na forte atuação que temos junto às populações vizinhas de nossas operações, espalhadas por mais de mil municípios brasileiros. Impactos positivos em indicadores como IDH e IDEB são o reflexo dessas interações ganha-ganha. Isto para não mencionar, aqui, o que nosso setor recolhe em tributos, nos três níveis de governo, ou a contribuição que dá à balança comercial – em 2019, exportações de mais de US\$ 10 bilhões.

Enfim, cada qual tem de fazer a sua parte. As empresas associadas à IBÁ também vêm fazendo a sua, promovendo a sustentabilidade, a renovabilidade, a reciclagem e a economia de baixo carbono, sem perder de perspectiva a diferença que faz na vida das pessoas, no equilíbrio ecossistêmico do planeta e na história destes nossos tempos tão desafiadores, tão difíceis mas, sem dúvida, também cheios de possibilidades e oportunidades. ■

SOBRE A IBÁ – A Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ) é a associação responsável pela representação institucional da cadeia produtiva de árvores plantadas, do campo à indústria, junto a seus principais públicos de interesse. Saiba mais em: www.iba.org.br